

BIBLIOTHECA POPULAR

68 P. 2

MARIA JOSÉ

OU

A FILHA

QUE ASSASSINOU, DEGOLOU E ESQUARTEJOU
SUA PROPRIA MÃI
MATHILDE DO ROZARIO DA LUZ

NA CIDADE DE LISBOA EM 1848

~~~~~  
NOVISSIMA EDIÇÃO  
\_\_\_\_\_

RIO DE JANEIRO  
H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71, RUA DO OUVIDOR, 71

## BIBLIOTHECA POPULAR

- Historia da Princeza Magalona.** Novissima edição, 1 v. br. . . . . \$300  
**Historia da Donzella Theo** ora, em que se trata da sua grande formosura e sabedoria. Novissima edição, 1 v. br. . . . . \$500  
**Historia de João de Calais.** Novissima edição 1 v. br. . . . . \$300  
**Historia do Peiles de Asno, ou a Vida do Principe Cyrillo.** Novissima edição, 1 v. br. . . . . \$500  
**Historia jocosa dos Tres corcovados de Setúbal,** Lucrecio, Flávio e Juliano, onde se descreve o equívoco gracioso das suas vidas. Novissima edição, 1 v. br. . . . . \$500  
**Historia do Grande Roberto do Diabo,** Duque de Normandia e Imperador de Roma, em que se trata da sua concepção e nascimento e de sua depravada vida, por onde mereceu ser chamado **Roberto do Diabo** e do seu grande arrependimento e prodigiosa penitencia, por onde mereceu ser chamado **Roberto de Deus**, e prodigios que por mandado de Deus obrou em batalha. Novissima edição, 1 v. br. . . . . \$500  
**Historia da Imperatriz Porcina,** mulher do Imperador Lodovico de Roma, na qual se trata como o dito Imperador mandou matar a sua mulher; por um falso testemunho que lhe levantou o irmão do dito Imperador, e como escapou da morte e dos muitos trabalhos e fortunas que passou, e como por sua bondade e muita honestidade tornou a cobrar seu estado com mais honra que deprimimento. Novissima edição, 1 v. br. . . . . \$500  
**Nova Historia do Imperador Carlos Magno e dos Doze pares de França,** contendo a grande batalha que teve com Malaco, rei de Fez, na qual venceu Reinoldos de Montalvão. Novissima edição, 1 v. br. . . . . \$500  
**Confissão geral do Marujo Vicente** por via das rogativas que lhe fez sua mulher Joanna e sua appareição com o confessor. Novissima edição augmentada, 1 v. br. . . . . \$500  
**Despedida de João Brandão** a sua mulher, filhos, amigos e collegas, seguida da Resposta de Carolina Augusta. Novissima edição, 1 v. br. . . . . \$200  
**Maria José,** ou a filha que assassinou, degolou e esquitejou sua propria mãe, Mathilde do Rozario da Luz, na cidade de Lisboa em 1848, 1 v. br. . . . . \$200  
**Astucias e subtilissimos de Bertoldo,** villão de agudo engenho e sagacidade, que depois de varios accidentes e extravagancias foi admittido a cortezo. Novissima edição, 1 v. br. . . . . \$500  
**Simplicidades de Bertoldinho,** filho do sublime e astuto Bertoldo, e agudas respostas de Marcolfa, sua mãe. Novissima edição, 1 v. br. . . . . \$500  
**Vida de Cacasseno,** filho do simples Bertoldinho e neto do astuto Bertoldo. Novissima edição 1 v. br. . . . . \$500  
**A noite na Taverna,** cantos phantasticos por Alvares de Azevedo. Precedido de um esboço biographico pelo Dr. Joaquim Manoel de Macedo. 1 v. br. . . . . \$500  
**Disputa divertida das grandes bulhas que teve um homem com sua mulher** por não lhe querer deitar uns fundilhos em uns calções velhos. Obra alegre e necessária para a pessoa que for casada. 1 v. br. . . . . \$200  
**Conselheiro dos amantes,** novissimo secretario dos namorados. 1 v. br. . . . . \$500  
**Galatêa. Egloga.** 1 v. br. . . . . \$500  
**Vozes d'África.** O Navio negreiro, tragedia no mar. 1 v. br. . . . . \$200  
**Os Escravos. Manuscriptos de Stenio.** 1 v. br. . . . . \$500  
**Lyra do Trovador,** novissima colleção de modinhas, recitativos, lundús, etc., 1 v. br. . . . . \$500

*Conf. Am.* *cust. rles.*  
BIBLIOTHECA POPULAR

# MÁRIA JOSÉ

OU

## A FILHA

QUE ASSASSINOU, DEGOLOU E ESQUARTEJOU

## SUA PROPRIA MÃI

MATHILDE DO ROZARIO DA LUZ

NA CIDADE DE LISBOA EM 1848

NOVISSIMA EDIÇÃO



RIO DE JANEIRO  
H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR  
71, RUA DO OUVIDOR, 71



P.  
6677

COMPRA  
195992

## AOS LEITORES

---

Attendei e vereis um crime espantoso, um crime novo, o maior de todos os crimes, um matricídio ! E' uma filha que rasga as proprias entranhas que a geraram, que decepa a cabeça á que, quando criancinha, tantas vezes se encostára, chorando ; que corta os braços que a sustentaram, e que a ajudaram a ensaiar os primeiros passos no caminho da vida ; e que, emfim, corta as pernas e mutila o cadaver de sua mãe ! O coração enche-se de horror só de ouvir a narração de tão negro e atroz delicto e nem a certeza de que elle será exemplarmente castigado dá allivio á dôr que afflige e atormenta as almas compassivas !

Pais de familia : Lêde a narração que vou fazer-vos deste horrendo crime, e vêde nelle os effeitos de uma educação pouco desvelada, talvez, e aprendei a educar melhor vossos filhos nestes tempos em que a desmoralisação tem chegado ao maior auge á que nunca jámais chegara ; nestes tempos em que se mofa da religião de Jesus-Christo, e em que impunemente se chama impostura aos mais augustos mysterios da crença de nossos maiores.

Horrorisai-vos com a narração que vou fazer ; mas reconheci ao mesmo tempo o dedo de Deus, que guiou a justiça para descobrir a criminosa que derramára o sangue de sua mãe, e meditai por um pouco nas causas que concorreriam para endurecer o coração de uma filha a ponto de que, vendo o cadaver de sua mãe em pedaços, nem o menor signal dar de compaixão, e continuar a comer com a maior indifferença ! E por ultimo lembrai-vos que ha no céu um Juiz mais recto que todos os juizes da terra, e ensinai vossos filhos a amal-o e a temêl-o, porque Elle a todos ha de julgar

# MARIA JOSÉ

---

Em Lisboa havia um homem chamado Agostinho José, casado com Mathilde do Rosario da Luz e morador na travessa das Freiras, n. 17. Agostinho José fartava-se de trabalhar para sustentar-se a si e a sua mulher e a duas filhas que Deus lhe dera, uma das quaes tinha o nome de Maria José. Cansado pela idade, e não menos pelos trabalhos, entregou o pobre pai a alma ao Creador, recommendando á sua mulher que amparasse suas filhas emquanto pudesse, e que, quando as forças lhe faltassem, antes fosse pedir uma esmola de que consentisse que suas filhas se des-honrassem.

« Eu não me salvarei, dizia o bom do homem, se minhas filhas algum dia forem mulheres mundanas. »

Depois da morte de seu pai, foi uma das filhas servir, ficando a outra em companhia de sua mãe, que se matava a trabalhar para lhe grangear o necessario sustento corporal e espiritual. Maria José, durante o dia, vendia n'uma pequenina tenda que sua mãe tinha podido arranjar-lhe, e á noite aprendia as rezas e orações á Santissima Virgem, que sua mãe nunca cansava de ensinar-lhe. Assim foi indo até á idade de vinte e nove annos, e toda a visinhança se admirava do bom porte da rapariga e do amor que parecia ter á sua mãe.

« Admira, diziam ás vezes os visinhos, como esta rapariga tem podido conservar-se sem dar que fallar ao mundo. »

Mas o demonio, que se apresenta debaixo de muitas fórmas, para conseguir tental-a fez com que a rapariga encontrasse um dia um rapaz destes que se fazem *sonsos*, e que começou a conversar com ella com muito bom modo, dando-lhe a entender que a não buscava para máu fim. Este rapaz chamava-se José Maria.

A rapariga gostava d'elle, e por isso continuaram a conversar todas as vezes que se encontravam, até que elle lhe fallou em casamento. Maria José respondeu-lhe que fosse pedil-a a sua mãe, que era quem governava ; e o rapaz assim o fez.

A viuva Mathilde, perguntando-lhe se elle era amigo de trabalhar, disse-lhe que, se sua filha queria, ella pela sua parte não a estorvava, e que o que só desejava era que fossem felizes. Isto deu occasião ao rapaz para ir muitas vezes á casa de Maria José, que se deixou enganar por elle, porque lhe dissera que já tinha botado os banhos.

A mãe presentindo a deshonra de sua filha pela confiança com que o José Maria já começava a tratal-a reprehendeu-a e prohibio-lhe que tornasse a fallar com elle ; disse-lhe que não queria que elle lhe tornasse á casa. A boa mulher chorava lagrimas de sangue, lembrando-se do que seu marido lhe tinha dito antes de morrer, emquanto sua filha se ria e escarnecia della, dizendo que, quer José Maria quizesse casar, quer não, gostava muito d'elle, e já d'elle se não podia separar.

A mãe, vendo que já a não podia levar por bem, ameaçou-a de ir fazer queixa ao regedor, se alli tornasse a vêr o maldito que a tinha deshonorado ; mas a Maria José pôz-se a rir, e foi-se ter com o seu amante. E este malvado aconselhou-a que matasse sua mãe, porque lhe tinha presentido algum dinheiro, e queria botar-lhe a mão para o *gratar* com outros criminosos como elle.

A rapariga, allucinada por aquelle malvado, recolheu-se a casa e, encontrando a mãe com os olhos inchados de chorar, começou

a descompol-a, e atirou-lhe uma facada com que a pobre mulher cahio logo por terra, dizendo :

« O' filha, porque me matas ? O' meu Deus, perdoai os meus peccados, e perdoai a esta filha ingrata; estendei sobre ella vossa infinita misericordia !... Maria, olha que nunca nenhum filho ou filha maltratou seu pae ou sua mãe que não fosse castigado por Deus. Que te acontecerá a ti, desgraçada, que matas a quem te deu a vida ! »

E a boa mulher lançou o ultimo suspiro, abraçada a uma cruz do Salvador.

A filha, depois de a vêr morta, esquartejou-a, e foi lançar o tronco do corpo junto ás obras de Santa Engracia, e os braços e as pernas á travessa das Monicas, conduzindo tudo de noite, debaixo do capote. E como ainda lhe ficasse em casa a cabeça queimou-lhe os cabellos, cortou-lhe os beiços, e enterrou-a aos pés da cama, junto ao lar. E depois foi-se pôr a lavar a roupa ensanguentada de sua mãe !

Como poderia Maria José dormir aquella noite ! Ella não dormio. Quando apenas começava a fechar os olhos, parecia-lhe que ouvia ainda os gritos da infeliz e olhava espantada por toda a casa. Se chegava a pegar no somno, figuravam-se-lhe espectros medonhos que caminhavam para ella e lhe mostravam a faca ainda tinta do sangue de sua mãe, e a machada com que lhe despedaçara o corpo. Que noite tão tormentosa devia ser aquella que se seguiu á morte da infeliz mulher. Oh ! fujam todos de commetter crimes, porque não só é certo o castigo da justiça da terra, mas além deste ha o remorso, que é mil vezes peor do que os mais crueis supplicios. E depois uma eternidade de tormentos é castigo que Deus reserva áquelles que desprezam os seus santos mandamentos, um dos quaes diz — Honrarás teu pai e tua mãe.

Povos, emendai-vos, deixai o caminho do peccado, e ouvi aquellas palavras que o Senhor disse a um dos seus discipulos : — Vigiai e orai, para que não entreis em tentação. — Orai, ó povos, e pedi a Deus e a sua Santissima Mãe que vos livrem das

tentações do demonio, que tentou Maria a commetter o maior de todos os crimes.

E vós, pais de familias, desvelai-vos na educação de vossos filhos; não os deixeis andar em companhia desses impíos que têm estragado e querem estragar toda a mocidade. Instrui-os nos preceitos da nossa religião, e preparai-lhes, desde meninos, o coração para a virtude. Ensinai-os a supportar a pobreza e as privações; dizei-lhes que a honra é uma cousa que depois de perdida uma vez, nunca mais se torna a alcançar. E praça a Deus que nunca mais se pratique um crime tão horroroso como o que foi praticado em Lisboa no anno de 1848.

---

## TRIBUNAL CRIMINAL DO 1º DISTRICTO

### JULGAMENTO DA ACCUSADA MARIA JOSÉ

---

*Juiz*, o Sr. Manoel Joaquim de Almeida. — *Delegado*, o Sr. Dr. José Gabriel Helbeche. — *Escrivão*, Augusto Cesar Maneschi. — *Advogado da defesa*, nomeado *ex-officio* pelo juiz, o Sr. José Antonio Luiz Gallo.

No dia 6 do corrente mez de Novembro, no edificio da Boa-Hora, na sala das audiencias, compareceu a accusada Maria José.

Entrou com passo firme e muito animada.

E' uma mulher de estatura menos que regular, grossa do tronco, rosto sobre o comprido e pallido, olhos pretos e vivos, mas quasi sempre immoveis.

A entrada da ré causou na sala da audiencia (que estava cheia de espectadores de todas as classes e jerarchias) um murmurio de horror.

O Sr. juiz declarou aberta a audiencia, pelas dez horas da manhã, e começaram os termos do julgamento.

Procedeu-se ao sorteio dos jurados. e em consequencia deste ficou o jury composto dos Srs.: Victorino José das Neves, Antonio Marcellino Lourenço, João Antonio de Souza, Francisco de Paula S. Thiago, Manoel Rodrigues, José Claudino Vellez, Joaquim Pedro Celestino, Joaquim Antonio Pereira, Henrique Gregorio Maia, André José Avelino, Joaquim José Fernandes e José Antonio Machado.

Tendo o jury prestado o juramento determinado pela lei, mandou o Sr. juiz que o *escrivão* fizesse a leitura do processo, cuja historia é em resumo a seguinte:

No dia 12 de Setembro proximo passado, appareceu junto das obras de Santa Engracia o tronco de um corpo de mulher, e ao pé do palacio do Sr. Marquez de Loulé, na travessa das Monicas, as pernas e mãos do mesmo corpo. A autoridade competente procedeu ao corpo de delicto, e conheceu-se por elle que o corpo morto era de pessoa que

já fôra mãi algumas vezes, e que inculcava ter uns quarenta e tantos annos; mas não se podia saber quem era a assassinada, porque o corpo estava sem cabeça. Achava-se muito povo presenciando horro-rizado aquelle quadro de dôr, quando o regedor da freguezia de Santa Engracia, o Sr. Antonio Ferreira do Sul, tendo visto entre os espectadores a accusada Maria José, se lembrou de que na vespera ella lhe tinha ido pedir que mandasse sua mãi para o hospital, allegando que estava doudá, pois dizia continuamente que a queriam matar, e que naquelle mesmo dia do achado e até então desconhecido cadaver, a mesma Maria José fôra dizer a elle regedor que sua mãi já estava melhor, e que não havia precisão de a mandar para o hospital.

Immediatamente o mesmo regedor ordenou ao cabo de segurança Joaquim José Gomes que conduzisse á sua presença a accusada Maria José; e, tendo-lhe o regedor perguntado por sua mãi, ella respondeu que tinha sahido de casa, e que não sabia para onde; o que, augmentando a desconfiança do regedor, fez com que elle mandasse a accusada em custodia para o quartel da companhia dos Loyos.

O cabo de segurança Joaquim José Gomes guiado pela desconfiança do regedor e pela sua propria, foi-se em procura de Mathilde do Rosario da Luz, mãi da accusada, e, do muro do quintal de um visinho della pôde vêr no quintal da assassinada alguma roupa a enxugar, com manchas de sangue. Correu o cabo de segurança a dar parte do que vira, e incontinenti a autoridade respectiva se dirigio, acompanhada da accusada, á casa em que ella habitava com sua mãi, na travessa das Freiras loja n. 17. Entraram e viram na casa da entrada uma unica cama, e em roda della o sobrado cheio de sangue. A accusada conservava a maior presença de espirito. Continuou-se na busca, achando-se roupa ensanguentada, uma machadinha tinta de sangue, duas facas de sapateiro com as folhas muito gastas e agudas por effeito de continuada amolação, e ambas com sangue, tendo uma dellas pegada uma porção de tecido cellular.

Mathilde do Rosario da Luz não apparecia; a accusada sua filha dizia, muito senhora de si, que não sabia della. aquelles vestigios indicavam a morta, e naquelle local; mas não apparecia cabeça. Procuravam-a por toda a parte, e, quando quasi que estavam perdidas as esperanças de a achar, o cabo de segurança Joaquim José Gomes, dando com o pé n'um tijolo do ladrilho da cozinha, este saltou do seu lugar, e vio-se mechida a terra que havia debaixo.

O cabo começou logo a excavação com suas proprias mãos, e deparou com uma cousa fria. Era uma orelha! Continuou a excavar, e descobriu a cabeça que se procurava, a cabeça da desventurada Mathilde do Rosario da Luz. Estava muito mutilada, tinha os ladoa do nariz cortados, e tambem cortados ambos os labios; o cabello queimado de todo, e muitos golpes nas faces! Perguntou-se logo á accusada se conhecia aquella cabeça, e respondeu muito fresca — que era de sua mãi, — e assentou-se, pondo-se a comer melancia com pão!!!

Fez o corpo de delicto, e a accusada foi recolhida em segredo na cadeia do Aljube. Nas primeiras perguntas imputou o assassinio de sua mãe a um tal José Maria que vendia fructa na praça da Figueira, declarou quem não dava a morada e mais signaes de identidade; depois declarou-se unica ré de tão horroroso crime.

Procedeu-se nos termos do processo; o ministerio publico apresentou o libello contra a accusada pelo crime da morte de sua mãe, com as circumstancias aggravantes de esquartejamento do cadaver e aleivosia; e o S. Dr. José Antonio Luiz Gallo, nomeado pelo Sr. juiz, apatrisio officioso da accusada, reservou-se para contestar na audiencia.

Chegado o processo aos termos de julgamento, deu-se a pauta dos jurados á accusada, e foi esta intimada para comparecer em juizo no referido dia 6 do corrente.

Concluida a leitura do processo, passou-se á inquirição das testemunhas, que na maior parte eram de accusação, e poucas de defeza.

1ª *testemunha*, José de Jesus Moreira, juiz eleito de Santa Engacia. — Sustentou a accusação em todas as suas partes.

2ª *testemunha*, Antonio Ferreira do Sul, regedor da mesma freguezia. — Não só sustentou a accusação, mas illucidou ainda mais o juizo com algumas circumstancias.

3ª *testemunha*, Maria Crispina de Mattos, mestra de meninas, moradora no quarto immediato superior á casa em que a accusada habitava. — Depôz do facto pelo ouvir dizer, declarar do que nunca vira entrar homem algum em casa da accusada, e que nem mesmo o aguadeiro ali ia, porquanto era a accusada quem sempre ia buscar agua ao chafariz.

4ª *testemunha*, Maria José da Conceição, moradora na travessa do Conde d'Avintes, nº 16. — Depôz do facto pelo ouvir dizer, e declarou que, tendo sido visinha da accusada, nunca vira que homem algum fosse á sua casa.

5ª *testemunha*, Joaquim José Gomes, cabo de segurança da freguezia de Santa Engracia. — Sustentou a accusação, illucidando muito o juizo, e tambem declarou que, tendo sido visinho da accusada, nunca vira entrar homem algum em sua casa.

6ª *testemunha*, Joanna Maria. — Depôz do facto pelo ouvir dizer; declarou o mesmo ácerca do procedimento da accusada, por ter sido sua visinha.

7ª *testemunha*, Antonia Rita Carolina, presa na cadeia do Aljube. — Sustentou a accusação por confissão que lhe fizera a accusada, ajuntando que lhe dissera que commettêra o crime de dia, porque havia mais bulha e rumor, tanto por causa de uns vizinhos que faziam fôrmãs, como porque as meninas da mestra davam lição em voz alta aquella hora, e que de noite podiam-se ouvir os gritos da victima.

A accusada disse que aquillo não era verdade, mas a testemunha sustentou com firmeza a accusação.

8ª *testemunha*, Luiza Rosa, presa na cadeia do Aljube. — Susten-

tou a accusação por confissão que á ella testemunha fizera a accusada.

Passou-se ás testemunhas da defeza.

1ª *testemunha*, Maria Gertrudes. — Abonou o comportamento anterior da accusada: depôz do facto pelo ouvir dizer, e sustentou que á casa da accusada não ia homem algum.

2ª *testemunha*, Fortunato Honorato, carpinteiro, visinho da accusada. — Depôz do facto pelo ouvir dizer, e sustentou tambem que, nunca vira entrar naquella casa homem algum.

---

INTERROGATORIO DA ACCUSADA

*Juiz.* — Jura dizer a verdade a respeito do que fôr perguntado quanto a terceiro?

*Accusada.* — Sim, senhor (*Jurou*).

*Juiz.* — Como se chama?

*Accusada.* — Maria José.

*Juiz.* — Como se chamava seu pai?

*Accusada.* — Agostinho José.

*Juiz.* — Como se chamava sua mãe?

*Accusada.* — Mathilde do Rosario da Luz.

*Juiz.* — E' casada ou solteira?

*Accusada.* — Solteira.

*Juiz.* — De que vivia antes de ser presa?

*Accusada.* — Vendia obras de esparto

*Juiz.* — Aonde morava?

*Accusada.* — Na travessa das Freiras, n. 17.

*Juiz.* — D'onde é natural?

*Accusada.* — De Lisboa, freguezia de S. José.

*Juiz.* — Que idade tem?

*Accusada.* — Trinta annos.

*Juiz.* — Sabe de que é accusada? Imputa-se-lhe a morte de sua mãe. Que responde a isto?

*Accusada.* — Que fui eu só que a matei. (*Signaes de horror na audiencia e galerias.*)

*Juiz.* — E porque perpetrou tão horrivel crime?

*Accusada.* — Por causa de José Maria.

*Juiz.* — Quem é esse José Maria, e que relações tinha com elle?

*Accusada.* — Encontrei-o na rua, fallei com elle duas vezes.

*Juiz.* — Quando principiaram essas relações?

*Accusada.* — Ha quatorze mezes.

*Juiz.* — José Maria ia á sua casa?

*Accusada.* — Todas as semanas.

*Juiz.* — Durante quatorze mezes de relações com um homem devia saber quem elle era, e onde vivia. Que diz a isto?

*Accusada.* — Nunca me disse quem era, nem onde morava.

*Juiz.* — O tal José Maria disse-lhe que matasse sua mãe?

*Accusada.* — Não senhor.

*Juiz.* — Que motivo teve para matar sua mãe?

*Accusada.* — Porque não gostava do José Maria, e ralhava comigo todas as vezes que elle lá ia.

*Juiz.* — Porque foi ao regedor na manhã do dia 12, quando a justiça já tinha tomado conta do cadaver da assassinada?

*Accusada.* — Fui dizer-lhe que minha mãe já estava boa, para que elle ou algum cabo não fosse á minha casa.

*Juiz.* — Conhece essas facas e essa machadinha, a agulha do colchoeiro, e essa roupa ensanguentada que ahí vê?

*Accusada.* — Conheço, sim, senhor.

*Juiz.* — Com quaes desses instrumentos matou sua mãe?

*Accusada.* — Com estas facas! (*Põe a mão nas facas. Signaes de horror no auditorio.*)

*Juiz.* — Não sentio remorso quando commetteu tão negro crime?

*Accusada.* — Tive medo.

*Juiz.* — Quem esquartejou sua mãe?

*Accusada.* — Fui eu! (*Signaes de horror no auditorio.*)

*Juiz.* — Porque fez isso?

*Accusada.* — Porque o corpo inteiro pesava muito, para mais facilmente o levar para fóra de casa.

*Juiz.* — Tambem foi quem mutilou o rosto de sua mãe?

*Accusada.* — Sim, senhor.

*Juiz.* — Para que?

*Accusada.* — Para a não conhecerem.

*Juiz.* — Com que cortou a cabeça de sua mãe?

*Accusada.* — Ao principio foi com a faca, e, não podendo acabar por causa do osso, foi com esta machadinha. (*Signaes de horror no auditorio.*)

*Juiz.* — Mas, se enterrou a cabeça em casa, para que a desfigurou?

*Accusada.* — Tencionava leva-la depois para fóra de casa?

*Juiz.* — Porque perpetrou tal barbaridade?

*Accusada.* — Não foi barbaridade! (*Signaes de espanto geral.*)

*Juiz.* — Onde effectuou o assassinato de sua mãe?

*Accusada.* — Na casa de fóra.

*Juiz.* — Quem levou os pedaços de sua mãe para fóra de casa?

*Accusada.* — Eu mesma, por duas vezes, debaixo deste capote.

*Juiz.* — Porque pôz o tronco n'uma parte e as pernas em outra?

*Accusada.* — Não sei.

*Juiz.* — Porque foi vêr o corpo morto de sua mãe, quando elle foi achado onde o puzera?

*Accusada.* — Passei por alli.

*Juiz.* — Quem ia mais á sua casa?

*Accusada.* — Uma criança de tres annos.

*Juiz.* — Quem era, e d'onde era essa criança?

*Accusada.* — Não sei, vinha de fóra da terra.

*Um Sr. jurado.* Pois uma criança de tres annos ia e vinha só de fóra da terra.

*Accusada.* — Sim, senhor. (*Signaes geraes de incredulidade*).

Mais alguns Srs. jurados dirigiram á accusada algumas perguntas, á que ella respondeu com espantosa presença de espirito, sempre na affirmativa de ser ella a criminosa.

Acabados os interrogatorios da accusada, o Sr. Juiz deu a palavra ao representante do ministerio publico.

O Sr. Helbeche, delegado do procurador régio, declarou que a accusação havia de ser sempre fraca em presença de tão grande crime, crime *sui generis* na historia de todos os attentados que têm haído no mundo.

« O parricidio, exclamou elle, ainda póde ter a desculpa da duvida da paternidade; mas um filho matar aquella que o trouxe ao seu ventre, que lhe deu o seu proprio sangue para o animar na vida, que lhe ensinou a dar os seus primeiros passos, é o crime mais horroroso. E' a vergonha do genero humano, a reclamar o mais exemplar castigo. E quando se dá a circumstancia de ser uma filha que mata sua mãe? »

O Sr. delegado sustentou a accusação do libello com força e clareza e terminou pedindo a punição da accusada.

Em seguida o Sr. Juiz deu a palavra ao Sr. Gallo, patrono da accusada; o qual soube honrar a nobre profissão de advogado. Seguiu na defeza a unica vereda que lhe restava em tal circumstancia; procurou commover; a sua eloquencia voou rapidamente pelas nuvens da sensibilidade.

Sustentou a impossibilidade de ser a accusada a unica autora do crime que imputavam: procurou demonstrar que fóra só cúmplice; que a sua confissão não devia ser tão acreditada contra ella, como o tinha sido a favor do tal José Maria, que fóra preso, e bastou ella dizer que não era aquelle e que estava innocente para ser solto. Lamentou a pouca vigilancia e zelo da policia num negocio tão grave; e depois passou a demonstrar que considerava a accusada fóra do uso das suas faculdades intellectuaes.

O Sr. advogado foi ouvido com geral e profunda attenção; todos louvaram os seus esforços para salvar a sua cliente. Mas não podia; era um objecto sobrehumano em presença do facto. Uma filha matando sua mãe e esquartejando-a, esta va diante dos olhos de todos!

O Sr. delegado respondeu a alguns argumentos do Sr. advogado, e este, treplicando, sustentou a justiça dos seus arazoados.

Tendo acabado os debates, o Sr. juiz perguntou á accusada se tinha mais alguma cousa a allegar em sua defeza; e a accusada disse que sim.

*Juiz.* — Póde dizer.

*Accusada.* — Quem matou minha mãe foi o José Maria.

*Juiz.* — Quem é esse José Maria.

*Accusada.* — E' um homem da outra banda, que vende na praça: ia muitas vezes á minha casa, e tinha questões com minha mãe; porque lhe tinha pedido metade da herança, e, como ella recusasse, na

manhã do dia 12 deu-lhe uma facada com que a matou e safou-se.

*Juiz.* — E' essa a historia que vocemecê me contou no principio, e que está em contradição com o que já declarou depois, e hoje mesmo no tribunal.

*Accusada.* — O José Maria foi quem a matou, e eu esquartejei-a, levando elle parte do dinheiro que eu tinha num pé de meia, prometendo depois dar-m'o.

*Juiz.* — Se o José Maria foi quem matou sua mãe, contra sua vontade, porque não gritou vocemecê pedindo soccorro para manifestar o crime?

*Accusada.* — Nada respondeu a isto, e instada para que dissesse quem era o tal José Maria, respondeu que não sabia. E não podendo conseguir nada della a este respeito, o juiz relatou o feito, ditou os seguintes quesitos.

1º O crime de que a ré Maria José é accusada no libello, de ter morto sua mãe, está ou não provado?

2º A circumstancia aggravante da ré Maria José ser quem esquartejou sua mãe, está ou não provada?

3º A circumstancia aggravante de que fôra a ré Maria José quem levára para fóra de casa os pedaços do corpo de sua mãe, está ou não provada?

4º A circumstancia aggravante de que fôra a ré Maria José quem mutilára a cara de sua mãe, está ou não provada?

5º A circumstancia attenuante de que a ré Maria José se comportou sempre bem, está ou não provada?

O Sr. advogado, patrono da ré, observou que elle na defeza oral fizera menção de que a ré só fôra cúmplice, e não autora do crime, e que julgava não estar ella no uso pleno das suas faculdades intellectuaes, e que estas duas circumstancias attenuantes deviam ir nos quesitos.

O Sr. Juiz disse que estas circumstancias não foram allegadas na defeza escripta, e que além disso parecia-lhe iriam complicar a decisão do jury.

O Sr. advogado, citando os artigos da lei, mostrou que esta permittia fazer-se uso de taes circumstancias na defeza oral, em observancia da lei, requeria que se fizessem os quesitos.

Não se oppondo o Sr. delegado por parte do ministerio publico, o Sr. Juiz deferiu ao requerimento, e fez os dous seguintes quesitos subsidiarios:

6º A circumstancia attenuante de que a ré Maria José não perpetrou de per si o assassinio de sua mãe, mas que foi cúmplice nelle, está ou não provada?

7º A circumstancia attenuante de que a ré não estava no uso de todas as suas faculdades intellectuaes, está ou não provada?

Escriptos os quesitos, o Sr. Juiz os entregou ao primeiro do Srs. jurados, dizendo-lhe que era o designado pela lei para presidir; mas que os jurados podiam eleger, querendo, outro presidente.

Retirando o jury á sala das suas deliberações, esteve uma hora a

deliberar, e, voltando á sala da audiencia, o Sr. Francisco de Paula S. Thiago, presidente eleito pelo jury, declarou que o 1º quesito fôra julgado provado por maioria, que o 2º, 3º, e 4º quesitos tinham sido julgados por unanimidade; que o 5º quesito fôra julgado não provado por unanimidade; que o 6º quesito fôra julgado prejudicado; e que o 7º quesito fôra julgado não provado por unanimidade.

Tendo o Sr. juiz recebido estas declarações, tornou a perguntar a ré se tinha mais que allegar, e ella respondeu que não.

Logo depois do que o Sr. Juiz publicou a sentença pela qual, em conformidade das leis e deliberação do jury, condemna a ré Maria José, solteira, a soffrer morte natural para sempre na forca que se ha de levantar no campo de Santa Clara, devendo a ré caminhar para aquelle patibulo pela travessa das Monicas, travessa das Freiras, e por junto das obras de Santa Engracia; e mais a condemnou nas custas.

Era quasi meia noite.

Durante toda esta longa audiencia, a sala esteve sempre cheia de gente de todas as classes reinando comtudo a melhor ordem. Diz-se que durante os debates estivera na sala por varias vezes a irmã da ré, chamada Mathilde.

Oxalá que a condemnação da ré possa obstar a que se repita um crime tão nefando!

P.  
6677



DICCIONARIO

FRANCEZ-PORTUGUEZ E PORTUGUEZ-FRANCEZ

contendo : a pronuncia figurada, a conjugação de todos os verbos irregulares nos tempos simples, as phrases cuja traducção pôde offerecer alguma difficuldade, as locuções e proverbios usados em ambas as linguas e augmentado com **mais de 25,000 termos** de medicina, cirurgia, veterinaria, physica, chimica, pharmacia, mineralogia, botanica, zoologia, astronomia, bellas-artes, nautica e das demais sciencias e artes; bem como os principaes nomes geographicos antigos e modernos, e seguido de uma lista de nomes proprios, alguns dos quaes historicos e outros mythologicos, composto com auxilio dos dictionarios portuguezes de Moraes e Vieira, dos melhores dictionarios francezes e do Grande Dictionario Universal do XIX seculo, de Pierre Larousse, por

**João Fernandes Valdez**

3ª edição melhorada.

2 grossos vs. in-4º grande, impresso em tres columnas. . . . . 12\$000

DICCIONARIO INGLEZ-PORTUGUEZ E PORTUGUEZ-INGLEZ

composto sobre os melhores dictionarios das duas linguas, contendo a pronuncia figurada e augmentado com mais de 15 000 termos de todas as sciencias e artes, enriquecido com as irregularidades dos verbos e muitos idiosmismos, phrases familiares e um vocabulario geographico e outro de nomes proprios, etc., etc., por

**JOÃO FERNANDES VALDEZ**

2 grossos volumes in-8º, de 2.000 paginas. . . . . 8\$000

DICCIONARIO LATINO-PORTUGUEZ

etymologico, prosodico, historico, geographico, mythologico, biographico, etc., no qual são aproveitados os trabalhos de philologia e lexicographia mais recentes, redigido segundo o plano do dictionario Latino-Francez, de Quicherat, e precedido de uma lista dos autores e monumentos latinos citados no volume e das principaes siglas usadas na lingua latina, por

**F. R. DOS SANTOS SARAIVA**

nitido volume in-4º grande, com 1.325 pags. de tres columnas, elegante e solidamente enc. . . . . 10\$000

DICCIONARIO CONTEMPORANEO

DA LINGUA PORTUGUEZA

planeado pelo fallecido professor F. J. CALDAS AULETE e composto sob a direcção de A. L. dos Santos Valente.

2 grossos volumes encadernados. . . . . 28\$000

23-13

## THE SOURO DAS FAMILIAS

Encyclopédia de conhecimentos uteis na vida  
pratica

COLLECÇÃO DE 1,502 RECEITAS

Sobre economia domestica, sciencias, artes, industria, officios, manufacturas, agricultura, industria agricola, horticultura, arboricultura, medicina domestica, propriedade das plantas indigenas, exóticas, alveitaria, etc.

1 grosso vol. in-8º . . . . . 6\$00

---

## COZINHEIRO NACIONAL

Collecção das melhores receitas das cozinhas brasileiras e europeas para a preparação de sopas, molhos, carnes, caça, peixes, crustaceos, ovos, leite, legumes, podins, pasteis, doces de massas e conservas para sobremesa acompanhado de regras de servir a mesa e de trincar, etc.

1 forte vol. in-8º com numerosas e finas gravuras . . . . . 3\$00

---

## DOCEIRO NACIONAL

OU ARTE DE FAZER TODA A QUALIDADE DE DOCES

Obra contendo 1.200 receitas

Conhecidas e ineditas de confeitos, empadas, podins, tortas, biscoitos, hóllos, bolachas, bróas, babás, savarins, vinhos, licóres, xaropes, limonadas, sorvetes, gelados e diversos processos usados para a depuração e extracção, do assucar contido nas plantas saccharinas.

1 v. in-8º, ornado de numerosas gravuras. . . . . 3\$00

---

## O CONSELHEIRO DA FAMILIA BRAZILEIRA

Encyclopédia dos conhecimentos indispensaveis na vida pratica

Pelo Dr. Felippo Nery Collaço

1 volume nitidamente impresso, contendo diversos artigos sobre habitação, vestidos, toucador, alimentação, hygiene, meninos, doenças, conselhos uteis; usos e deveres da sociedade, cartas, lailes e reuniões, palavras e phrases viciosas, receitas culinarias, etc., etc., bem encadernado. . . 6\$00

Verdadeira encyclopédia da educação, o livro, com o nome que serve de titulo a estas linhas, não se recommenda, impõe-se a néccesi tade que todos nós temos de conhecer minuciosamente essa grande variedade de preceitos e regras que nos elucidão e guião na complicação extensissima do nosso labor quotidiano.